

ECOLOGIA Divulgar a fauna brasileira é importante para a conservação no país

Como preservar nossos valores naturais?

Um dos principais objetivos da criação de áreas naturais protegidas é a preservação da biodiversidade, mas para isso é essencial o comprometimento de seus gestores com esse princípio. Além disso, é necessário intensificar as pesquisas direcionadas à proteção e ao conhecimento da fauna dessas áreas. Conduzida com dificuldade por poucos, a conservação poderia envolver muitos outros colaboradores, se todos conhecessem o que queremos preservar. Por **Maurício E. Graipel, Fernando V. B. Goulart, Marcos A. Tortato, Luiz Gustavo R. O. Santos e Ivo R. Ghizoni Jr.**, do *Projeto Parques & Fauna*, do Departamento de Ecologia e Zoologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

A onça-parda ou leão-da-montanha (*Puma concolor*), segundo maior felino da América, foi registrada na RPPN do Caraguatá, a apenas 50 km de Florianópolis, capital de Santa Catarina



A importância de nossa biodiversidade é pouco conhecida. Talvez por esse motivo se assista passivamente à ameaça de extinção de espécies da fauna silvestre decorrente da destruição de seus habitats. A extinção de uma espécie em uma região altera as relações entre as espécies sobreviventes, gerando desequilíbrios ecológicos que afetam a qualidade ambiental e muitas vezes têm consequências indesejáveis também para as populações humanas, dificultando ou inviabilizando, por exemplo, o controle de pragas ou reduzindo a produtividade agrícola.

Muitos desses problemas poderiam ser evitados. O conhecimento de nossa fauna e o planejamento de áreas naturais associadas a ambientes urbanos ou agrícolas pode ajudar a manter a biodiversidade, contribuindo para elevar nossa qualidade de vida.

A mata atlântica foi o bioma brasileiro mais afetado pela ocupação do território. As maiores concentrações urbanas do país situam-se em áreas antes cobertas pela floresta litorânea. No entanto, o conhecimento da sociedade sobre a fauna desse bioma é

mínimo. Animais extraordinários vivem nas matas de muitos parques e reservas, inclusive os próximos às cidades – ou seja, são nossos vizinhos! Impressiona o espanto de algumas pessoas quando vêem imagens desses animais e ficam sabendo que estão bem perto.

Para muitos, a onça-parda ou leão-da-montanha (*Puma concolor*) é uma espécie que só existe nos filmes norte-americanos, enquanto a jaguatirica (*Leopardus pardalis*) vive apenas nas florestas intransponíveis da Amazônia. Mas isso está longe de ser verdade. De modo similar, o graxaim, ou raposa (*Cerdocyon thous*), é comum na maior parte das florestas brasileiras, e a única espécie de marsupial com hábitos aquáticos em todo o mundo, a cuicá-d'água (*Chironectes minimus*), ocorre na maioria dos córregos e rios de ambientes florestais do país. E quem sabe disso?

É verdade que dificilmente os animais da nossa fauna são vistos. Os fragmentos remanescentes da mata atlântica – bioma com a maior biodiversidade

do país e uma das maiores do mundo – situam-se em áreas de relevo acidentado, justamente onde é mais difícil a ocupação humana. Além disso, as matas são muito densas e nossos mamíferos, por exemplo, são em sua maioria noturnos e esquivos. Para a sorte deles, pois, se ficassem bem à vista, muitos já estariam extintos!

As pesquisas também são poucas e recentes. Portanto, o conhecimento sobre a biodiversidade brasileira ainda é escasso. Então como fazer para divulgar e conservar essa diversidade, se a mata atlântica foi quase totalmente destruída?

Embora a mata atlântica ocupe hoje menos de 10% da área de cobertura original, muitos fragmentos estão protegidos em unidades de conservação. A maioria delas existe apenas no documento que as criou – são as chamadas reservas de papel –, mas ainda assim contribuem para preservar plantas e animais. Quando algum investimento é feito na fiscalização dessas áreas, os resultados, para a conservação, podem ser surpreendentes. Esse parece ser o caso de algumas unidades de conservação estudadas no sul do Brasil.

Uma fauna variada

A equipe do Projeto Parques & Fauna da Universidade Federal de Santa Catarina vem realizando um levantamento da fauna silvestre de quatro dessas unidades, para promover o conhecimento da fauna, em especial dos mamíferos, e avaliar se tais áreas de fato asseguram a preservação de animais. Os dados vêm sendo coletados desde 2004 por meio de entrevistas sobre a gestão e o manejo dessas unidades e de registros dos animais em seu dia-a-dia – quase sempre ‘noite-a-noite’, no caso dos mamíferos. O projeto é apoiado pela organização não-governamental Conservação Internacional do Brasil, pela Associação Reserva Ecológica do Caraguatá e pelo Programa Funpesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina.

As fotografias são obtidas com armadilhas fotográficas, tecnologia até poucos anos só usada em países desenvolvidos (ver ‘Mamíferos em foco’, em *CH* nº 183). Trata-se de uma máquina fotográfica ligada a um sensor de calor e movimento, que dispara a objetiva quando o animal passa à frente. Foram instaladas 30 armadilhas fotográficas a intervalos de 1 km em trilhas e carreiros (caminhos usados pelos animais) de quatro unidades de conservação de Santa Catarina. As máquinas foram mantidas em campo por pelo menos 12 meses. Os estudos já foram concluídos no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e na Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do Caraguatá, e estão em andamento na Reserva Biológica do Aguai e na RPPN Leão da Montanha. Foram obtidos mais de 3,5 mil registros fotográficos de animais silvestres, que permitem estudos sobre comunida-



O graxaim, ou raposa (*Cerdocyon thous*), é um canídeo comum no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e na maior parte dos remanescentes florestais de nossas cidades, onde felinos de maior porte são raros ou desapareceram



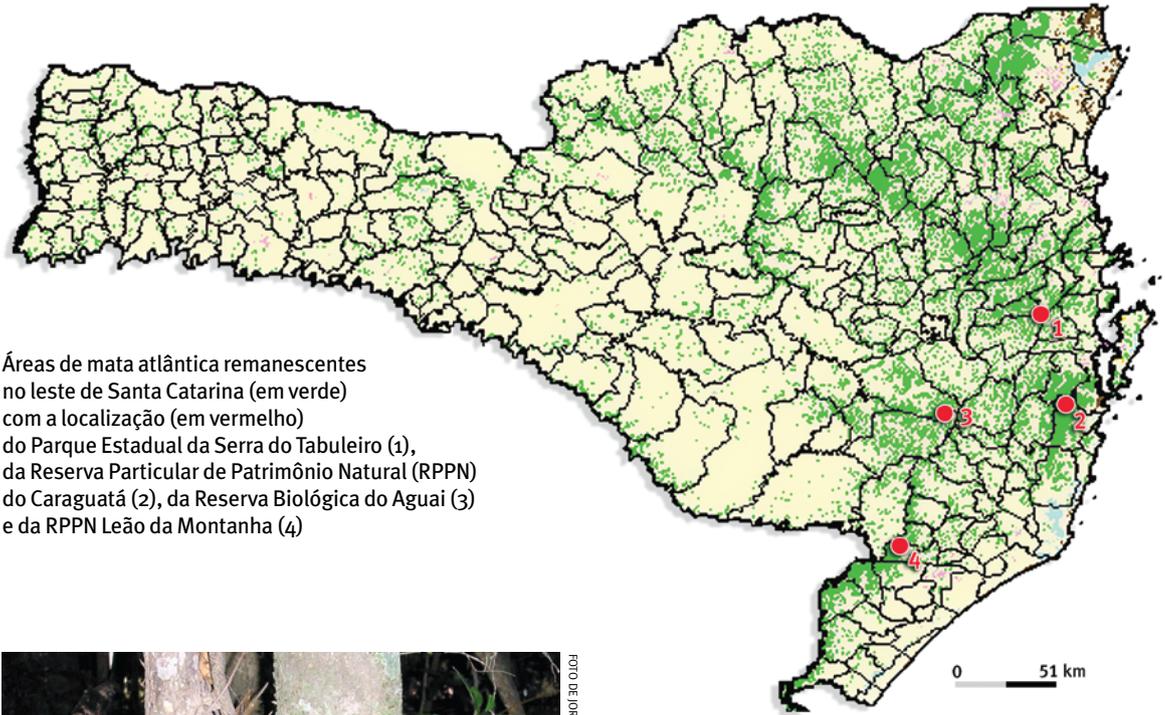
A cuíca-d'água (*Chironectes minimus*), único marsupial com hábitos aquáticos, carrega seus filhotes em uma bolsa similar à dos cangurus, inclusive quando está dentro d'água ou mergulhando. São comuns na maior parte dos córregos de nossas matas

des animais, populações, uso de habitats, horários de atividade e outros aspectos ecológicos.

Os resultados indicam uma melhor preservação da diversidade de mamíferos na RPPN do Caraguatá, embora esta tenha apenas 4,3 mil hectares (1 ha tem 100 m por 100 m), enquanto o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro é 20 vezes maior (90 mil ha). Esse desempenho é atribuído ao bom número de fiscais – um ou dois para cada mil hectares – na reserva, o que inibe a caça. O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro tem fiscalização deficitária e sofre maiores pressões, em seu entorno, de atividades turísticas e agropastoris e de projetos imobiliários. Como os métodos de estudo e o esforço de amostragem são

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL / FUNPESQUISA/USC (GRAVANI)

FOTO DE MAURÍCIO E. GRAPEL (UCICA)



Áreas de mata atlântica remanescentes no leste de Santa Catarina (em verde) com a localização (em vermelho) do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (1), da Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) do Caraguatá (2), da Reserva Biológica do Aguai (3) e da RPPN Leão da Montanha (4)

FONTE: WWW.SOSMAMANTLANTICA.ORG.BR/SECAO-ATLAS



FOTO DE JORGEL CHEREM

A armadilha fotográfica tem um sensor de presença que dispara a máquina fotográfica quando o animal passa em seu raio de ação



CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL / FUNPESQUISA/USC

O gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*), do tamanho de um gato doméstico, é outro felino comum nos parques estudados

diretamente comparáveis entre as duas unidades, o número de registros das espécies pode ser considerado um indicativo de sua abundância, em especial se considerarmos apenas um registro por dia da mesma espécie em cada equipamento.

O número total de espécies foi similar na RPPN do Caraguatá (16) e no Parque da Serra do Tabuleiro (15). Das 12 espécies mais abundantes, 10 foram registradas na RPPN do Caraguatá, incluindo espécies perseguidas por atacarem criações, como onça-parda, jaguatirica e irara (*Eira barbara*), e espécies de carne apreciada, como tatu-galinha (*Dasyopus novemcinctus*), paca (*Cuniculus paca*), cutia (*Dasyprocta azarae*) e cateto ou porco-do-mato (*Pecari tajacu*). Duas dessas espécies – jaguatirica e paca – não foram registradas no Parque Estadual.

Na RPPN do Caraguatá, os animais mais comuns foram o tatu-galinha (média de 2,16 registros a cada 100 dias), o gato-do-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus* – 1,88), a jaguatirica (1,26), o graxaim (*Cerdocyon thous* – 1,02) e o quati (*Nasua nasua* – 1,02). Já no Parque da Serra do Tabuleiro os mais abundantes foram o graxaim (4,93 registros a cada 100 dias), o gato-do-mato-pequeno (3,71) e o tatu-galinha (1,54). Algumas espécies observadas em estudos anteriores nas duas áreas não foram registradas nas fotografias. Chama a atenção a ausência da jaguatirica no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro: além de não ter sido fotografada agora, a espécie também não foi observada em várias pesquisas realizadas ao longo de quase 20 anos na unidade.



Em unidades de conservação onde a fiscalização é mais efetiva foram registradas espécies como irara (*Eira barbara*) (A), tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) (B), porco-do-mato ou cateto (*Pecari tajacu*) (C) e paca (*Cuniculus paca*) (D)

Em geral, quando um ecossistema sofre desequilíbrio ecológico, ocorre não só o desaparecimento de espécies situadas no topo da cadeia alimentar (carnívoros maiores) ou redução de sua abundância, mas também o aumento populacional de espécies pouco seletivas quanto ao uso do hábitat e à dieta (chamadas de ‘generalistas’). Esse parece ser o caso do graxaim no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Já a maior abundância do gato-do-mato-pequeno nesse parque pode ter como causas a menor pressão exercida por felinos maiores, ausentes (caso da jaguatirica) ou menos abundantes nessa unidade (caso do gato-maracajá – *Leopardus wiedii* – e da onça-parda).

Divulgar para proteger

Os resultados deste estudo indicam que é possível conservar a biodiversidade, mas que isso exige, nas unidades de conservação, o comprometimento de seus gestores e proprietários e planos de manejo eficientes. Além disso, é necessário divulgar a existência dessas unidades, a importância biológica de sua fauna e o esforço de preservação de seus responsáveis. Essa divulgação não deve ser dirigida apenas à comunidade científica, mas também à sociedade, à mídia e às instituições financiadoras.

É necessário que nossa sociedade conheça outros animais além dos que vivem na África (leão, girafa e elefante, por exemplo). Ou do ‘lobo mau’ que vive nas florestas, como contam as crianças ao entomologista Ângelo Machado, do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Este

não deixa de informar a elas que o ‘lobo mau’ da história infantil não vive aqui e que o lobo brasileiro – o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) – é diferente, por ser um lobo bom, que não ataca as pessoas e gosta de frutas.

A onça-pintada (*Panthera onca*) talvez seja o mamífero brasileiro mais conhecido, graças à sua presença em histórias em quadrinhos, como ‘A turma do Pererê’, de Ziraldo, e as historinhas do caipira ‘Chico Bento’ e do índio ‘Papa-Capim’, de Maurício de Sousa. Mesmo assim, foi praticamente extinta em muitas de nossas matas: em Santa Catarina não há registros confiáveis da espécie desde o final da década de 1980.

A divulgação de nossa fauna, associada à vontade de preservação por parte dos responsáveis por unidades de conservação (mesmo as de pequeno tamanho, como a maioria das reservas particulares), pode contribuir para que seja atingido o objetivo de manter e proteger nossa biodiversidade. Nesse contexto, além de implantar uma fiscalização efetiva nas unidades de conservação, é importante mudar a concepção dessas áreas como grandes zoológicos com as portas fechadas para a sociedade. Afinal, uma das principais alavancas para a criação de parques e reservas, em todo o mundo, foi a conscientização ecológica. Um maior conhecimento sobre os animais de nossa fauna estimularia o interesse da sociedade pela proteção desse patrimônio inestimável e contribuiria, em última análise, para melhorar nossa qualidade de vida. ■